



O PANORAMA DA DENGUE NO BAIRRO BORBA GATO-MARINGÁ-PR: UMA EXPERIÊNCIA DE ARTIVISMO EM SAÚDE

Daniella Canhoto¹; Bruno Souza da Silva²; Ana Paula Machado Velho³

RESUMO: Esta pesquisa quer realizar uma intervenção na comunidade, que vai escrever o seu próprio drama no contexto da dengue por meio dos dispositivos que possui disponíveis. Por meio de vídeos, fotos, mensagens de texto e de voz, encaminhadas para uma plataforma, através dos seus celulares, pads e outros canais de comunicação, os moradores de um bairro de Maringá vão oferecer subsídios para contar uma história, escrever uma obra que ilustra o cotidiano da dengue em Maringá-PR. A pesquisa começa com uma revisão bibliográfica de artigos, teses e dissertações, que será analisada de forma qualitativa. Essas informações serão base para intervenções, norteadas pela metodologia de pesquisa-ação, que procura unir a pesquisa à ação. A proposta é mobilizar os cidadãos do bairro a mostrarem o drama da dengue na região.

PALAVRAS-CHAVE: Dengue; Saúde; Ativismo; Softwares Sociais; Promoção da Saúde.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Maringá, no Noroeste do estado do Paraná, foi uma das que mais sofreu no Estado com a epidemia de dengue que assolou o país, em 2007. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde, 5.680 casos foram confirmados naquela época. Agora, em 2013, mais 11 municípios do Noroeste do Paraná registraram epidemia de dengue. Vários da abrangência da Amusep, como Doutor Camargo, Diamante do Norte, Loanda, Paiçandu, Santo Inácio e Uniflor. Ao todo, 46 municípios estão em estado epidêmico no Paraná – estes somam 80% do número total de casos confirmados no estado. Todas as mortes registradas por dengue no Paraná, de agosto de 2012 até abril deste ano ocorreram Noroeste do estado. Foram sete mortos por conta da doença em Campo Mourão, um em Paranavaí e um em Maringá. O município paranaense que mais registrou casos de dengue desde agosto do ano passado é Paranavaí, com 6.950 casos, cidade vizinha de Maringá.

Isso leva a perguntas como: o que na paisagem e no cotidiano da população vem permitindo esse cenário? Qual o drama que vivem os habitantes da região no sentido de descontrole total com as relações com o ambiente, visto que este é uma produção social. Como o comunicador pode ser ativista nesse processo? São essas repostas que se quer

¹ Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. daniodara@gmail.com

² Acadêmico do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. brunosuzads@hotmail.com

³ Orientadora, Professora Doutora do Mestrado em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Cesumar – UNICESUMAR. anapaula@cesumar.br.

achar para ser propor uma reengenharia do social, a partir de ações, de mobilizações, de atuações no cenário enfermo.

Nos dias de hoje, mais que informar por meio do texto, este profissional precisa se inserir no processo das redes, atuar como agente dos temas que ele sugere discutir com seu público. Assim o comunicador funciona como o diretor de uma peça e agita o público (cidadãos) com os temas e cuidados pertinentes a sua comunidade. É preciso que ele atue em consonância com seu tempo e se torne um agente que possa habilitar o cidadão como ator de uma ação concreta nos tempos da cibercultura. Agora, acredita-se, é hora dele instigar o cibercidadão a refletir sobre todos os aspectos do cotidiano.

Logo, a proposta é descrever e propor ações no cenário dramático da dengue. Contribuir, a partir de um jornalismo antropológico, para a recomposição da paisagem enferma. Esta área do jornalismo mistura as técnicas de apuração jornalística com o olhar do antropólogo sobre culturas, povos e comunidades diferentes. Ou seja, é um encontro singular que procura apreender o ponto de vista dos indivíduos de algum lugar, “seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo” (Malinowski *apud* LAGO, 2002) uma das marcas distintivas do empreendimento antropológico. É o encontro com um ‘outro’ por intermédio de um trabalho de campo onde o observador deveria tentar apreender o ponto de vista do observado. É uma ‘etnografia’, um registro descritivo da vida e das organizações sociais.

Hoje, em grandes centros urbanos do mundo, artistas plásticos realizam murais, esculturas, grafites e intervenções com o objetivo de sensibilizar o espaço urbano, mostrando que a cidade é um organismo vivo e que a arte tem de estar ao alcance de todos. É dessa mistura de arte com ativismo que surgiu o conceito de *artivismo*.

Segundo Miguel Chaia, nos dias de hoje, a relação entre arte e política estreita-se profundamente. São propostas performáticas e lúdicas, de mobilidade e conectividade. E o aparelho celular aparece neste contexto, ajudando a misturar arte e vida com tecnologia. A professora Diana Domingues realizou uma experiência similar a que se propõe neste projeto. Foi a oficina *Narrativas Cíbridas*⁴, *tecnologias da mobilidade e vida urbana misturada*.

Durante percursos no espaço urbano, participantes tiveram o sentido de presença co-locado, aqui e acolá, ou seja, na cidade e no ciberespaço, ao trocarem mensagens com outros, recriando pela imaginação os lugares, as personagens e os hábitos a partir de textos, sons e imagens. A experiência física da vida na cidade e a criação colaborativa de narrativas, que usam de celulares como interfaces locativas, possibilitam as trocas de mensagens que ampliam a relação com o lugar, num processo de vida urbana misturada. Narrativas dos participantes depositadas na rede foram compartilhadas com outros participantes da cidade, e disponibilizadas no endereço *online* (no caso da oficina flickr.com). Geraram-se narrativas cíbridas, numa rede social em estado emergente, em autorias compartilhadas, com histórias re-contadas em estados de constante transformação pelos fluxos no espaço físico da cidade e no ciberespaço (ciber+híbrido) (DIANA; LUCENA, 2011).

Nesta proposta, enquanto os cidadãos transformam o cotidiano em arte... em texto, em imagens, em som, o jornalista transforma os dados em informação de cunho social, em obra cooperativa. Os cidadãos registram o seu drama a partir da sua estética, a sua relação com o espaço, com a paisagem, com o bairro, com a dengue. Neste processo, o jornalista é o “curador”.

⁴Título da oficina “Narrativas Cíbridas: Tecnologias da mobilidade e vida urbana misturada” elaborada e ministrada por Diana Domingues, Carla Castanho, Eliseo Reategui, Tiago Franklin R. Lucena e Moema Rampon. Na 13ª Jornada Nacional de Literatura: Arte e Tecnologia - Novas Interfaces realizada na cidade de Passo Fundo_RS de 27 a 29 de Outubro de 2009.

Enfim, este projeto quer realizar uma intervenção na comunidade, que vai escrever o seu próprio drama no contexto da dengue por meio dos dispositivos que possui disponíveis. Por meio de vídeos, fotos, mensagens de texto e de voz, encaminhadas para uma plataforma, através dos seus celulares, pads e outros canais de comunicação, os moradores de um bairro de Maringá vão oferecer subsídios para contar uma história, escrever uma obra que ilustra o cotidiano da dengue em Maringá-PR. O comunicador vai administrar e editar a obra, colocando em relação o drama de cada um na grande tragédia da dengue.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Revisão bibliográfica de artigos, teses e dissertações. A metodologia adotada nesta etapa da pesquisa será de cunho qualitativo e, para análise, será utilizada a técnica de fichamento. Identificar-se-ão os textos produzidos sobre os temas acima discriminados no período de 2006 a 2012 em bases de dados digitais; selecionaremos os textos pelos títulos, fazendo uma seleção por aderência ao problema de pesquisa. Em seguida, o material será lido integralmente e realizado o fichamento em base digital. Também ficou definido na metodologia que todos os artigos a serem analisados devem estar disponíveis na internet e que a busca será a partir das seguintes bases de dados a serem definidas. Para as buscas, definimos as seguintes palavras-chaves: sociabilidade, softwares sociais, ativismo, ciberativismo, jornalismo antropológico, *ativismo*.

Futuramente, serão realizadas intervenções, norteadas pela metodologia de pesquisa-ação, que procura unir a pesquisa à ação. Essas intervenções serão realizadas no contexto da Microrregião da AMUSEP, região Norte do Paraná que compreende 30 municípios e uma população de quase dois milhões de habitantes. Esta microrregião tem surtos de dengue, sendo uma das mais atingidas na região sul.

Os sujeitos da pesquisa, além da pesquisadora, serão os indivíduos de um grupo de jovens, os quais serão contatados por intermédio do Colégio Estadual Tomaz Edison de Andrade, do bairro Borba Gato (Maringá/PR). A “entrada” no grupo se dará mediante o contato com a direção da escola e lideranças locais para sensibilizá-las a participar das atividades da pesquisa.

Será articulada uma grande ação midiática no bairro do Borba Gato, em Maringá, a partir dos contatos dos pesquisadores e dos estudantes do Colégio Estadual Tomaz Edison de Andrade, em suas redes nos softwares sociais e de outras mídias a serem determinadas junto ao grupo, para mobilizar os cidadãos do bairro a mostrarem o drama da dengue na região, a partir de depoimentos em vídeo, áudio, fotos etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material produzido em diferentes dispositivos móveis será encaminhado pelos usuários, que devem compartilhar informações sobre os casos de dengue na sua rua, casa, escola, igreja. Os dados chegarão por SMS, MMS, transferências de dados por e-mails e outros tipos de canais de comunicação que facilitem os moradores do bairro produzirem e comentarem sobre sua experiência com a dengue.

Todas as mensagens serão redirecionadas para um blog, no qual eles estarão expostos individualmente durante um mês. Depois deste prazo, o jornalista do grupo vai construir uma narrativa com vistas a compor uma obra sobre o drama da dengue no Borba Gato, a partir da costura dos arquivos encaminhados.

4. CONCLUSÃO

Essa ação contará, então, com outras mediações com os moradores, que poderão comentar e enviar outros dados dando à obra um caráter de reinvenção sem fim.

5. REFERÊNCIAS

CHAIA, M. **Artivismo – Política e Arte Hoje**. Aurora, 1: 2007. São Paulo: PUC/SP, 2007.

DOMINGUES, D. et al. **Envisioning Ecosystems: Biodiversity, Infirmary and Affectivity**. Disponível em: <http://www.intechopen.com/books/diversity-of-ecosystems/envisioning-ecosystems-biodiversity-infirmary-and-affectivity> Acesso em 19.03.2013.

DOMINGUES, D. **Vida na Rede**: Caixa de Pandora biocíbrida. Texto apresentado no 8º Seminário Internacional Museu Vale, mar, Vila Velha/ES, 2013.

DOMINGUES, Diana (org.) **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

DOMINGUES, D. **Cenários Cíbridos**: átimos calmos em comunicação ubíqua e móvel por conexões transparentes. In: II Simpósio Nacional da ABCiber, 2008, São Paulo, SP. Anais eletrônicos do II Simpósio Nacional da ABCiber, 2008a. Disponível em: http://www.cencib.org/simpósioabciber/anais/mesas/pdf/Diana_Domingues.pdf

DOMINGUES, Diana. **Ciberadão e a magia das cibercoisas pervasivas e sencientes na ciberarte**. In: AMARAL Leila, GEIGER, Amir (orgs). *Arte/religião/espiritualidade*: Attar: São Paulo, 2008b . P. 246-275.

DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte, Ciência e Tecnologia**: passado, presente e desafios. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DOMINGUES, Diana ; **LUCENA, Tiago** . Reingeniería de La Vida Urbana: Público y Privado integrados en las tecnologías móviles. *Cibertronic: Revista de Artes Mediáticas de la Universidad Nacional Tres de Febrero*, Buenos Aires-Argentina, p. 0, 02 nov. 2011.

LAGO, Cláudia. **Antropologia e Comunicação**: a apropriação do Pierre Bourdieu antropólogo pelo campo da Comunicação. *Ethos Anpocs*. 2002. Disponível em: http://www.anpocs.org/porta1/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4537&Itemid=356. Acesso em 28 abril 2013.